



# UMA LEITURA TEOLÓGICA DO FENÔMENO DA POLARIZAÇÃO NO CATOLICISMO ATUAL

## A THEOLOGICAL READING OF THE POLARIZATION PHENOMENON IN CURRENT CATHOLICISM

Gabriel Henrique da Silva<sup>1</sup>

Wendel de Oliveira Rezende<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo é uma tentativa de analisar o fenômeno da polarização no seio da vida de fé da Igreja Católica, especialmente no contexto atual, a partir dos escritos teológicos e magisteriais de autores como Raniero Cantalamessa, Joseph Ratzinger e Papa Francisco, dentre outros. Para tanto, primeiro busca-se compreender as causas desse desafio presente na comunidade eclesial e na sociedade em geral. Em segundo lugar, faz-se um retorno às Sagradas Escrituras para entender como os conceitos de unidade e pluralidade estavam presentes nas igrejas cristãs primitivas. Em seguida, tenta-se sinalizar de que maneira a teologia contemporânea pode ajudar na reflexão sobre a polarização ao propor a centralidade da Pessoa de Jesus Cristo, para além de todas as diferenças, interesses ou particularismos. Por fim, apresentam-se as perspectivas para uma vivência eclesial que busca a comunhão e, assim, torna-se coerente com a unidade ontológica da Igreja, tão bem definida pelo Concílio Vaticano II.

**PALAVRAS-CHAVE:** Polarização. Igreja Católica. Teologia. Magistério. Comunhão.

**ABSTRACT:** This article is an attempt to analyze the phenomenon of polarization within the life of faith of the Catholic Church, especially in the current context, from the theological and magisterial writings of authors such as Raniero Cantalamessa, Joseph Ratzinger and Pope Francis, among others. To this end, we first seek to understand the causes of this challenge present in the ecclesial community and in society at large. Secondly, a return to Holy Scripture is made to understand how the concepts of unity and plurality were present in the early Christian churches. It is then attempted to indicate how contemporary theology can help in the reflection on polarization by proposing the centrality of the Person of Jesus Christ, beyond all differences, interests or particularisms. Lastly, the perspectives for an ecclesial experience that seeks communion are presented and thus becomes coherent with the ontological unity of the Church, so well defined by the Second Vatican Council.

**KEYWORDS:** Polarization. Catholic Church. Theology. Magisterium. Communion.

---

<sup>1</sup> Bacharelado em teologia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre (FACAPA); bacharel eclesiástico em filosofia pelo Instituto Filosófico São José, Campanha-MG. E-mail: sh-gabriel@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestrando em filosofia na Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália); licenciado em filosofia pela Universidade do Estado de Minas Gerais, UEMG unidade Campanha (2013); bacharel em teologia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre, FACAPA (2017). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9219162332925747>. E-mail: rezendewo@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

Não há quem negue que, dentre todos os seres vivos, o ser humano é o que possui a maior envergadura para criar processos complexos de diversidades culturais, políticas, sociais, religiosas... Tudo isso forja diferenças significativas entre os grupos humanos e, dentro deles, entre os indivíduos. Naturalmente surgem distinções também no modo de enxergar a realidade, e prova disso são as muitas escolas filosóficas, teológicas e científicas existentes ao longo da história. Essas diferenças existem também no contexto religioso: são inúmeras as formas de expressão religiosa presentes no mundo. Mas, dentre elas, buscar-se-á aqui falar do cristianismo e, no seu seio, da vida de fé na Igreja Católica Apostólica Romana.

O cristianismo passou, ao longo do tempo, por alguns cismas, sobretudo o de 1054 entre a Igreja no Oriente e a Igreja no Ocidente, e o do século XVI, com o advento do protestantismo. O risco da divisão sempre esteve presente. Atualmente assiste-se, por exemplo, ao germinar de alguns grupos com convicções bastante diversificadas dentro da Igreja Católica. Como no cenário político e social internacional, há no interior da vida de fé uma crescente polarização: grupos diferentes que, prescindindo de uma legítima “unidade na diversidade”<sup>3</sup>, compreendem-se muitas vezes como opostos e rivais, discordando em questões relevantes da doutrina ou em pontos banais da prática religiosa. Na arena das discussões virtuais (o grande areópago da era da informação), “conservadores” e “progressistas” digladiam em busca da razão, porém nem sempre com abertura ao diálogo ou à revisão de seus argumentos.

Como um fenômeno epocal, as polarizações representam um enorme desafio no seio da Igreja, porque impedem que se realize visivelmente a sua unidade ontológica. Como já mencionado, historicamente este não é um problema recente, mas se intensificou com a evolução tecnológica e a difusão de informações nem sempre coerentes com a realidade ou condizentes com o Magistério da Igreja. No multifacetado universo dos compartilhamentos das redes sociais, ideias antes reservadas a grupos acanhados dentro do contexto eclesial ganharam, nos últimos anos, uma amplitude muito mais significativa.

---

<sup>3</sup> É possível questionar qual seria essa legítima unidade na pluralidade. Retomando um discurso do Papa João Paulo II, a Congregação para a Doutrina da Fé, no número 15 da *Carta aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão*, afirma: “A universalidade da Igreja, por um lado, comporta a mais sólida unidade e, por outro, uma pluralidade e uma diversificação, que não obstaculizam a unidade, mas lhe conferem o carácter de comunhão’ [sic]. Esta pluralidade refere-se quer à diversidade de ministérios, de carismas, de formas de vida e de apostolado no interior de cada Igreja particular, quer à diversidade de tradições [sic] litúrgicas e culturais entre as diversas Igrejas particulares”.

Nesse sentido, o presente artigo almeja apresentar uma reflexão sobre o fenômeno das polarizações na vivência comunitária da fé na Igreja Católica, buscando compreender, ainda que às apalpadelas, suas causas, manifestações e possíveis perspectivas. Para tanto, intenta-se colocar em diálogo alguns teólogos e mestres da espiritualidade, dentre eles Joseph Ratzinger, atual papa emérito Bento XVI; o Frei Raniero Cardenal Cantalamessa, pregador da casa pontifícia; e o Papa Francisco.

Inicialmente, falar-se-á sobre o fenômeno das polarizações: sua definição, suas causas e suas manifestações na vida da Igreja. Em seguida, elaborar-se-á uma breve reflexão sobre a unidade e as divisões da Igreja a partir das Sagradas Escrituras, para, depois, se chegar à teologia atual com um texto de Joseph Ratzinger. Tendo percorrido todo esse itinerário, será possível abordar as implicações, os desafios e as perspectivas da problemática levantada para a vivência eclesial hodierna.

## 2 O FENÔMENO DAS POLARIZAÇÕES NO MUNDO E NA IGREJA

Na carta encíclica *Fratelli Tutti* (FT), o Papa Francisco mostra, sobretudo no primeiro capítulo, as ambiguidades do mundo atual, no qual se vê o avanço técnico, o progresso e a unificação possibilitada pela globalização e, ao mesmo tempo, acompanha-se a fragmentação, a “cultura do descarte”, o desrespeito à dignidade da pessoa humana e as inúmeras formas de divisões (políticas, culturais, religiosas). Com efeito, o pontífice constata que “Reaparece ‘a tentação de fazer uma cultura dos muros’” (FT 27).

Nesse contexto, a fim de alcançar uma dominação sobre as pessoas, muitos grupos buscam “... semear o desânimo e despertar uma desconfiança constante” (FT 15), utilizando, para isso, “... o mecanismo político de exasperar, exacerbar e polarizar” (FT 15). E é verdade: vive-se num mundo globalizado (que deveria ser a expressão do respeito a todas as culturas), mas igualmente polarizado, dividido, desentendido e marcado por inúmeras expressões de fanatismo.

A polarização é um fenômeno que, não obstante muito evidente no cenário político, aparece também em outros setores e instituições. Mais que lados diferentes, com ideias distintas e até opostas, ela diz respeito a grupos que negam o ponto de vista e a existência dos outros: “Com várias modalidades, nega-se a outros o direito de existir e pensar [...]. Não se acolhe a sua parte da verdade, os seus valores” (FT 15). Com isso, os lados passam a rivalizar-se e a opor-se de modo

alinhado, agindo contrariamente entre si (ORTELLADO, 2017), o que contraria o princípio de uma legítima unidade na pluralidade.

Surgem, então, as categorizações que não só diferenciam, mas dividem e opõem as pessoas em esquerda e direita; liberais e conservadores; progressistas e tradicionalistas... Criando “... barreiras de autodefesa, de tal modo que o mundo deixa de existir para que haja apenas o ‘meu mundo’” (FT 27). É possível inferir, a partir daquilo que Francisco apresenta, que tudo isso sinaliza as “sombras de um mundo fechado”, onde não há espaço para o diálogo, a alteridade, a fraternidade e a comunhão.

E, se na *Fratelli Tutti*, o apelo é de uma “fraternidade universal”, isto é, em âmbito global, mais ainda deve ser um apelo aos cristãos, chamados a se empenharem no movimento ecumênico<sup>4</sup>, e particularmente aos católicos romanos, presididos pelo sucessor do apóstolo Pedro. Pois, em verdade:

A fraternidade se constrói exatamente como se constrói a paz, isto é [sic] começando de perto, a partir de nós, não com grandes esquemas, com metas ambiciosas e abstratas. Isto significa que a fraternidade universal começa para nós com a fraternidade na Igreja Católica. (CANTALAMESSA, 2021).

As divisões estão presentes dentro da Igreja de Cristo<sup>5</sup>, o que, sem dúvidas, “... contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo” (UR 1). Mas, de maneira ainda mais preocupante, está no seio da própria Igreja Católica que, sempre vivendo a tensão entre unidade e pluralidade, presencia hoje uma enorme polarização. Como resolutamente afirmou o Frei Raniero, Cardeal Cantalamessa, na sua pregação da sexta-feira santa, em 30 de junho de 2021: “A fraternidade católica está dilacerada! A túnica de Cristo foi cortada em pedaços pelas divisões entre as Igrejas<sup>6</sup>; mas – o que não é menos grave – cada pedaço da túnica, por sua vez, é frequentemente dividido em outros pedaços<sup>7</sup>” (CANTALAMESSA, 2021).

<sup>4</sup> Segundo o Decreto *Unitatis Redintegratio*, do Concílio Ecumênico Vaticano II, número 4, “Por ‘movimento ecumênico’ entendem-se as atividades e iniciativas que são suscitadas e ordenadas, segundo as várias necessidades da Igreja e oportunidades dos tempos, no sentido de favorecer a unidade dos cristãos”.

<sup>5</sup> Por Igreja de Cristo entende-se a realidade visível e invisível, divina e humana, constituída por Jesus Cristo como comunidade de fé pela qual se comunica aos seres humanos a verdade e a graça. Esta subsiste na Igreja Católica, ainda que fora do seu corpo se encontrem também elementos de santificação e de verdade que conduzem para a unidade católica (cf. *Lumen Gentium* 8).

<sup>6</sup> Referência aos muitos cismas pelos quais passou o cristianismo, sobretudo ao de 1054 entre a Igreja no Ocidente e a Igreja no Oriente e a Reforma Protestante do século XVI.

<sup>7</sup> A imagem da túnica de Cristo com referência à unidade da Igreja foi utilizada já nos tempos da Patrística. Assim disse Cipriano de Cartago, no século III d.C.: “Este sacramento da unidade, este vínculo da concórdia, que une inseparavelmente [a Igreja], se mostra no evangelho pela túnica de Nosso Senhor Jesus Cristo, que não foi dividida nem rasgada [...] Quem rasga ou divide a Igreja de Cristo não pode possuir a veste de Cristo” (A unidade da Igreja Católica 7)

Conforme já mencionado, as divisões ressaltadas principalmente pelas mídias digitais são a expressão das divisões que existem há muito mais tempo. Mas, segundo o teólogo Massimo Faggioli<sup>8</sup> (2018), a transição do pontificado de Bento XVI para o de Francisco, a partir de 2013, fez transparecer ainda mais a presença de grupos que tentam opor, numa hermenêutica de ruptura, o atual romano pontífice e seu predecessor, instrumentalizando de inúmeras formas a reflexão teológica e a prática pastoral de ambos.

No que diz respeito à causa desse problema, Cantalamessa (2021) afirma que as divisões na Igreja são geradas principalmente não pelos dogmas, sacramentos e ministérios, mas pela “... opção política, quando ela se sobrepõe àquela religiosa e eclesial e desposa uma ideologia”. Para ele, isso é motivo de tristeza, constituindo mesmo um pecado, porquanto evidencia que “... ‘o reino deste mundo’ se tornou mais importante, no próprio coração, do que o Reino de Deus” (CANTALAMESSA, 2021). Sobre isso, M. Faggioli (2018) corrobora, dizendo: “As características visíveis e invisíveis dessa divisão [entre os católicos] são impulsionadas não apenas por fatores teológicos, mas também – e principalmente – por fatores políticos”.

### 3 UNIDADE E PLURALIDADE NAS SAGRADAS ESCRITURAS

Como um dos sustentáculos da doutrina e da vida de fé, as Sagradas Escrituras atestam que, desde o princípio, as comunidades cristãs existiram sob certa pluralidade. Isso se manifesta já nas diferenças entre a Igreja de Jerusalém e a Igreja de Antioquia: a primeira, dirigida por Tiago e formada majoritariamente por judeu-cristãos que buscavam conservar os costumes judaicos; a segunda, dirigida por Paulo e Barnabé, mais heterogênea e dinâmica, onde conviviam judeu-cristãos, helenistas e pagãos convertidos. Na perspectiva lucana dos Atos dos Apóstolos, esses caminhos, embora diferentes, não foram opostos nem irreconciliáveis (SCHÖKEL, 2017, p. 2284).

Com efeito, o Novo Testamento mostra que o fato de a missão dos apóstolos desenvolver-se não só entre os judeus palestinos, mas também entre grupos distintos, com culturas e línguas diversas, causou algumas contendas nas comunidades primitivas. Se, por um lado, os judeu-cristãos mais rígidos defendiam a necessidade da observância da lei mosaica e da circuncisão aos pagãos que se convertiam ao cristianismo, por outro, os cristãos de Antioquia (com Paulo e Barnabé) rejeitavam tal prática, pois essas obrigações não diziam respeito à cultura pagã e não eram

---

<sup>8</sup> Historiador italiano, professor de teologia e estudos religiosos na *Villanova University* (USA).

essenciais para a adesão ao cristianismo. Diante disso, ocorreu o “Concílio de Jerusalém”: “Então, os apóstolos e os anciãos reuniram-se, para tratar desse assunto” (At 15, 6).

A partir do diálogo, da escuta e sob a liderança de Pedro, foi possível resolver a querela: a circuncisão não era obrigatória aos gentios que se convertiam, mas algumas obrigações lhes foram impostas, a fim de viverem como autênticos partícipes da vida cristã (cf. At 15, 20). Assim, assegurava-se a convivência pacífica entre convertidos de origem pagã e judaica presentes nas comunidades incipientes (SCHÖKEL, 2017, p. 2286). Percebe-se, pois, que Pedro, Tiago, Paulo e Barnabé, reunindo-se, dialogando e resolvendo as divergências, conseguiram manter a *koinonia* (comunhão) entre os seguidores de Cristo (BROWN, 2002a, p. 413).

Além dos Atos dos Apóstolos, as epístolas paulinas também demonstram a pluralidade existente nas primeiras comunidades, destarte, a importância de não se descuidar do risco das divisões. Percebendo as diferenças existentes nas igrejas<sup>9</sup> e tomando consciência de que muitas vezes isso se tornava causa de contendas e rivalidades, o apóstolo exortou os seus irmãos a viverem unidos, não obstante a multiplicidade de dons e carismas (1Cor 12, 4-6).

Na Primeira Carta aos Coríntios há uma perícopé muito importante referente às divisões e à unidade na Igreja. Vê-se um conflito envolvendo as figuras de Paulo e Apolo<sup>10</sup>, em que os membros da comunidade declaram suas preferências, transparecendo certa divisão. Assim diz o apóstolo:

<sup>3b</sup>Visto que há inveja e discórdia no meio de vós, não estais sendo carnis e procedendo de modo humano? <sup>4</sup>Quando um declara “Eu sou de Paulo” e outro “Eu sou de Apolo”, não estais agindo apenas de modo humano? <sup>5</sup>O que, então, é Apolo? O que é Paulo? Não passais de servos, por meio dos quais crestes, conforme o Senhor concedeu. <sup>6</sup>Eu plantei, Apolo regou, mas Deus fazia crescer. <sup>7</sup>De modo que nem o que plante nem o que rega são alguma coisa, mas aquele que faz crescer: Deus. (1Cor 3, 3b-7).

Paulo e Apolo não poderiam ser causa de divisão, pois, ao trabalharem em tarefas complementares, um como apóstolo (Paulo) e outro como catequista (Apolo), estão a serviço da fé, por dom de Deus; são apenas colaboradores: a obra é divina (SCHÖKEL, 2017, p. 2347). A resposta de Paulo surpreende os seus destinatários e, também hoje, aqueles que se deparam com a sua epístola, pois ele não defende a si mesmo nem se coloca como superior a Apolo, mas defende a unidade em torno de Cristo:

<sup>9</sup> O termo se aplica às diversas comunidades fundadas na era apostólica: a igreja de Jerusalém, a igreja de Antioquia, a igreja de Corinto... Como se pretende evidenciar, elas possuíam diferenças, mas se submetiam a uma comunhão, centrada na figura dos apóstolos, em particular na de Pedro.

<sup>10</sup> Missionário que desenvolveu sua missão em Corinto depois que Paulo a deixou no ano de 52 d.C. (cf. BROWN, 2002b, p. 674). Segundo Shökel (2017, p. 2347), era como um catequista para a comunidade.

*Los cristianos de hoy se han acostumbrados a estar divididos; por ello, excepto por la rapidez con la que esto ocurre, no nos sorprendemos ante tales divisiones. Lo que probablemente nos sorprende es la respuesta de Pablo, puesto que estamos acostumbrados a que las gentes defiendan su propia opción entre las divisiones eclesiales y que ataquen a sus adversarios. Pablo no defiende en absoluto a la facción que le «pertenece», ni acentúa su propia superioridad, puesto que todos los misioneros no son más que siervos (3,5). “¿Está Cristo dividido? ¿O ha sido Pablo crucificado por vosotros, o habéis sido bautizados en el nombre de Pablo?” (1,13). “Ya sea Pablo, Apolo o Cefas..., pertenecéis a Cristo, y Cristo a Dios” (3,22-23). (BROWN, 2002b, p. 675-676).<sup>11</sup>*

A citação precedente mostra que os cristãos de hoje, infelizmente, estão habituados às divisões, de modo a não se surpreenderem mais com sua existência. Aponta ainda para a tendência de que, nos espaços eclesiais, as pessoas defendam suas próprias opiniões (mais do que a própria unidade da Igreja), atacando aqueles que pensam diferente: uma clara marca da polarização. A unidade, porém, deve existir e se encontra numa pessoa: Jesus Cristo.

Por isso, a seguir, será apresentado o texto de Joseph Ratzinger, epílogo da obra *Compreender a Igreja hoje: vocação para a comunhão*, que parte desse trecho paulino (1Cor 3, 4-23) para falar sobre a unidade eclesial.

#### **4 PARTIDO DE CRISTO OU IGREJA DE JESUS CRISTO? A PROPOSTA DE J. RATZINGER**

Em janeiro de 1990, no Seminário maior de Filadélfia, nos Estados Unidos, o então cardeal Joseph Ratzinger proferiu uma homilia a partir da perícopre supracitada e que muito contribui para a reflexão sobre as polarizações no ambiente intraeclesial, pois aquilo que São Paulo falou à comunidade de Corinto “... toca-nos a nós aqui e agora. Ao se dirigir aos coríntios, Paulo se dirige a nós e põe o dedo na ferida de nossa vida eclesial hoje” (RATZINGER, 2015, p. 99), de forma que os cristãos sejam interpelados a buscar a “... verdadeira totalidade e unidade da existência cristã” (RATZINGER, 2015, p. 99).

---

<sup>11</sup> Os cristãos de hoje se acostumaram a estar divididos; assim, com exceção da rapidez com que isso ocorre, não nos surpreendem tais divisões. O que provavelmente nos surpreende é a resposta de Paulo, já que estamos acostumados que as pessoas defendam sua própria opção entre as divisões eclesiais e ataquem os seus adversários. Paulo não defende em absoluto o grupo que lhe “pertence”, nem acentua sua própria superioridade, posto que todos os missionários não são mais que servos (3, 5). “Está Cristo dividido? Ou foi Paulo crucificado por vós, ou haveis sido batizados em nome de Paulo?” (1,13) “Paulo, Apolo ou Cefas..., pertenceis a Cristo, e Cristo a Deus” (3,22-23). (BROWN, 2002b, p. 675-676, tradução nossa).

O então cardeal constata que no fim do século XX (e, pelo que já foi apresentado anteriormente, é possível dizer que também agora, passados mais de trinta anos) ainda era patente o risco de “... dissolver a Igreja com lutas e partidarismos, onde cada um desenvolve sua própria ideia sobre o cristianismo” (RATZINGER, 2015, p. 99). Assim como na comunidade dos coríntios, existe a tendência da divisão entre “partido de Paulo”, “partido de Apolo”, “partido de Cefas”... Com isso, em vez de se perceber na comunidade eclesial a busca pela concretização da vontade de Deus, observa-se a pretensão humana, expressa nos diversos grupos ou “partidos”, de ter sempre razão. Assim, fica obscurecida a Palavra mesma de Deus e a “... Igreja desaparece por trás dos partidos criados segundo nossos próprios gostos” (RATZINGER, 2015, p. 99).

O agora papa emérito esclarece que um partido tem sempre forte dimensão subjetiva, porquanto corresponde às próprias ideias, gostos e expectativas de uma pessoa ou um grupo: “Se eu me declaro por um partido, este se torna, por isto mesmo, o *meu* partido”. Com isso surgem as divisões, pois “... os gostos são muitos e contraditórios entre si” (RATZINGER, 2015, p. 100). Era essa a situação dos coríntios: eles se aproximam do cristianismo como “... uma teoria religiosa interessante que corresponde a seus gostos e expectativas. Escolhem aquilo que lhes agrada e o escolhem sobre uma forma que é simpática” (RATZINGER, 2015, p. 100). Entretanto, com a Igreja não é assim: “... a Igreja de Jesus não é *minha*, mas é sempre *a sua* Igreja” (RATZINGER, 2015, p. 100). Com efeito,

... a fé não é a escolha de um programa que me convém ou o ingresso em um clube, no qual me sinto compreendido. A fé é conversão que muda minha pessoa e meus gostos ou pelo menos torna secundários meus gostos e minha vontade. A fé atinge uma profundidade inteiramente diversa daquela da escolha que me liga a um partido. (RATZINGER, 2015, p. 100).

A postura adequada, no que concerne à fé, é, pois, a de uma autêntica e efetiva conversão, de modo que o crente já não procure na comunidade um lugar que satisfaça seus interesses e gostos, mas onde possa entregar-se verdadeira e inteiramente a Cristo, tornando-se membro do seu Corpo e buscando fazer em tudo a sua vontade (RATZINGER, 2015, p. 100). Trata-se de uma conversão que implica o reconhecimento da ação de Deus: na Igreja, é Ele mesmo quem fala e opera, “... não existe apenas a nossa, mas a Sua causa” (RATZINGER, 2015, p. 101).

Logo, segundo o teólogo, a postura do cristão católico no seio da comunidade deve ser, em primeiro lugar, de obediência à vontade de Deus, deixando seus próprios gostos, renunciando às suas vontades, seguindo e submetendo-se a Jesus Cristo, que não fundou um partido nem inaugurou uma filosofia, sequer deseja obter partidários, mas que “... é a própria palavra de Deus que se



encarnou por nós” (RATZINGER, 2015, p. 101): quem o segue não escolhe ideias, mas coloca a vida em suas mãos.

Disso depreende-se que:

A Igreja, portanto, não é um clube, não é um partido, nem um Estado religioso dentro do Estado terrestre, mas um corpo, o Corpo de Cristo. E por isto a Igreja não é feita por nós; é consumida pelo próprio Cristo [...] o que é específico e próprio da Igreja não pode ser fruto de nossas vontades e de nossas iniciativas; não nasce “da carne nem da vontade do homem” (Jo 1, 13). Deve vir de Cristo. Quanto mais somos nós que fazemos a Igreja, tanto mais ela se torna inabitável, porque tudo o que é humano é limitado e se contrapõe a outro humano. (RATZINGER, 2015, p. 101-102).

Embora Ratzinger não se refira especificamente às polarizações, ao menos citando explicitamente o termo, é bastante plausível que suas elucubrações iluminem esse problema, já que tal fenômeno faz existir na Igreja “partidarismos”, nos quais prevalecem ideologias e interesses particulares. “Quando, porém, a vontade própria é determinante, já se deu a cisão” (RATZINGER, 2015, p. 100). Diante de tudo isso, o que fazer para superar os extremos de qualquer polarização eclesial? Obedecer a Jesus Cristo, entender sua vontade, estar em comunhão com Ele na Igreja. Porque, em suma:

Só a unidade da fé da Igreja e a sua obrigatoriedade nos dão a garantia de não seguirmos opiniões humanas nem aderirmos a partidos formados por nós próprios, mas pertencermos e obedecermos ao Senhor (RATZINGER, 2015, p. 103)<sup>12</sup>.

Agora é necessário assinalar os direcionamentos que as pontuações precedentes impõem à Igreja, pensando também nos desafios e perspectivas que elas sugerem.

---

<sup>12</sup> Uma vez que a pregação foi proferida num seminário, provavelmente para sacerdotes e aspirantes ao sacerdócio, Ratzinger encerra sua reflexão falando sobre as consequências do chamado para a unidade no exercício do ministério sacerdotal. Suas palavras são de grandioso valor, por isso é importante citar: “O sacerdote deve velar atentamente para não construir sua própria Igreja” (RATZINGER, 2015, p. 102), evitando que em seu nome surjam partidarismos e sectarismos. Continua: “A norma do ministério sacerdotal é o autodesprendimento que se submete à medida de Jesus: ‘Minha doutrina não é minha’ (Jo 7, 16). Somente quando pudermos dizer isso sem nenhuma restrição é que seremos cooperadores de Deus que plantam e regam, tornando-nos, assim, participantes de sua obra. Se os homens se reportam a nós, contrapondo nosso cristianismo ao dos outros, isto deve constituir para nós sempre motivo para um exame de consciência. Nós não anunciamos a nós próprios. Anunciamos o Cristo. Isto exige nossa humildade, a cruz do seguimento. Mas é justamente isto que nos liberta, enriquece e engrandece nosso ministério. Com efeito, se anunciarmos a nós próprios, permaneceremos encerrados em nosso pobre eu e reduziremos outros a nossa estreiteza. Se anunciarmos o Cristo, tornar-nos-emos ‘cooperadores de Deus’ (1Cor 3, 9); e que poderia haver de mais belo e de mais libertador?” (RATZINGER, 2015, p. 103).

## 5 IMPLICAÇÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA O TEMA DAS POLARIZAÇÕES

A partir das intuições anteriores, faz-se mister considerar propostas para a superação da problemática levantada, uma vez que a Igreja é essencialmente una e sua unidade deve manifestar-se visivelmente. Constata-se que a “A fraternidade católica está dilacerada” (CANTALAMESSA, 2021), mas em seu elemento humano, “... porque a verdadeira túnica de Cristo, seu corpo místico animado pelo Espírito Santo, ninguém jamais poderá dilacerar” (CANTALAMESSA, 2021). Com efeito, em Deus a Igreja é sempre una, santa, católica e apostólica e isso “... não desculpa nossas divisões, mas as torna ainda mais culpáveis e deve nos impulsionar, com mais força, a restaurá-las” (CANTALAMESSA, 2021)<sup>13</sup>.

O próprio Cantalamessa diz que um dom ou carisma próprio que a Igreja Católica deve cultivar hoje é a unidade. Defende sua posição mostrando o exemplo do próprio Jesus que, diante da forte polarização política existente ao seu redor, evidente na existência de quatro partidos (fariseus, saduceus, herodianos e zelotes), “... não ficou do lado de nenhum deles e resistiu energicamente à tentativa de ser arrastado para uma parte ou outra” (CANTALAMESSA, 2021). Esse caminho também foi seguido pela comunidade cristã primitiva e deve ser, outrossim, um empenho constante hodiernamente.

De acordo com o atual pregador da Casa Pontifícia, cabe aos membros da Igreja, especialmente aos pastores, fazer um sério exame de consciência e buscar eficazmente a conversão para a unidade, rompendo com quaisquer atitudes que transpareçam “... a obra daquele cujo nome é ‘*diabolo*’, isto é, o divisor” (CANTALAMESSA, 2021). Para caminhar sem desvios é necessário o suficiente cuidado para que a opção política não se sobreponha à obediência à Igreja e ao sentido último da fé.

M. Faggioli, por sua vez, não se mostra tão otimista quanto à superação das divisões no interior do catolicismo. Segundo ele: “Parece seguro dizer que a segregação eclesial de católicos sob o mesmo teto não desaparecerá tão cedo” (FAGGIOLI, 2018). Apesar disso, defende caminhos que, se não promoverem um “armistício”, possibilitarão ao menos um “cessar-fogo” entre as hostilidades de grupos polarizados no seio da Igreja. O teólogo mostra-se convicto de que esse cessar-fogo não é só possível, mas necessário, e que um “acordo de paz” definitivo seria muito mais

---

<sup>13</sup> Este convite do Cardeal Cantalamessa, de buscar a restauração visível da unidade, a fim de que os cristãos correspondam à vocação para a qual foram chamados, diz respeito aqui especificamente à unidade católica, prescindindo da dimensão ecumênica que, embora muito importante, não corresponde ao objetivo deste artigo.

difícil, porquanto “... exigiria que as várias facções católicas entregassem suas armas das mídias sociais, algo que provavelmente não acontecerá” (FAGGIOLI, 2018).

O que se deve fazer, pois, é primeiramente “... prestar atenção às novas linhas de falha entre as diversas facções do catolicismo” (FAGGIOLI, 2018), principalmente nos ambientes virtuais em que seus argumentos são expostos e veiculados. Tomando consciência dessas falhas, é louvável organizar eventos que favoreçam o diálogo e é necessário tirar a violência verbal para criar um ambiente eclesial mais saudável. Além disso, os diversos grupos (ou “facções”, como designa o teólogo), devem buscar ações comuns, em um grande esforço de “cooperação concreta” (FAGGIOLI, 2018).

A proposta de Faggioli é a de um “ecumenismo intracatólico”, que aborde diferentes aspectos da vida cristã, quais sejam: a doutrina, a vida e o culto. Esse esforço deve partir dos bispos e alcançar todos os ambientes eclesiais. Segundo ele, o século XXI deve constituir-se como “o século do ecumenismo intracatólico”, que diz respeito não tanto à reforma das estruturas institucionais da Igreja Católica, mas ao próprio modo de viver dos seus adeptos, que precisam superar o “senso fraturado da Igreja” (FAGGIOLI, 2018).

Este tema também é motivo de preocupações expressas nos discursos pontifícios dos últimos anos. Após manifestar publicamente sua renúncia, em 2013, o papa emérito Bento XVI mostrou-se apreensivo com as divisões no seio da Igreja. Em sua homilia da quarta-feira de cinzas (13 de fevereiro de 2013), o então bispo de Roma reforçou que o chamado à conversão estabelecido nas Escrituras possui uma dimensão comunitária que interpela os cristãos. Bento XVI reforça a “... importância que tem o testemunho de fé e de vida cristã de cada um de nós e das nossas comunidades para manifestar o rosto da Igreja”. Porém, esse rosto fica muitas vezes desfigurado, sobretudo por causa das culpas contra a unidade do corpo eclesial. Por isso, seu convite foi à superação dos individualismos e rivalidades, “... um sinal humilde precioso para aqueles que estão longe da fé ou são indiferentes” (BENTO XVI, 2013). Em tudo isso, o papa reitera a necessidade de abrir-se à graça de Deus, Aquele que é capaz de transformar os corações e de suplantar o egoísmo e a mesquinhez humana.

Do mesmo modo, o Papa Francisco mostra-se preocupado com o desafio das polarizações dentro da Igreja Católica. Em sua homilia na Solenidade de Pentecostes, no dia 23 de maio de 2021, falando sobre a ação do Espírito Santo na Igreja, o pontífice afirmou:

Hoje, se dermos ouvidos ao Espírito, deixaremos de nos focar em conservadores e progressistas, tradicionalistas e inovadores, de direita e de esquerda; se fossem

estes os critérios, significava que na Igreja se esquecia o Espírito. (FRANCISCO, 2021).

Francisco partiu da afirmação de que o Espírito Santo é o Espírito da unidade que “... fundenos como Igreja na multiforme variedade dos carismas, numa unidade que nunca é uniformidade” (FRANCISCO, 2021). Assim como os apóstolos, que, apesar de muito diferentes entre si, com ideias políticas e visões de mundo bastante variadas, ao receberem o Espírito Santo, aprenderam “... a dar o primado não aos seus pontos de vista humanos, mas ao conjunto de Deus” (FRANCISCO, 2021), o mesmo deve acontecer com os membros da Igreja, chamada à concórdia e à “harmonia das diversidades”. Como templo do Espírito Santo, o corpo eclesial deve deixar de lado aquilo que separa para abrir-se à graça de Deus.

O papa deixa evidente que a unidade não é o mesmo que uniformidade e isso é essencial para se pensarem caminhos de superação das polarizações. Ele já havia se manifestado sobre esse tema no início de seu pontificado, na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), onde escreveu:

As diferenças entre as pessoas e as comunidades por vezes são incômodas, mas o Espírito Santo, que suscita essa diversidade, de tudo pode tirar algo de bom e transformá-lo em dinamismo evangelizador que atua por atração. A diversidade deve ser sempre conciliada com a ajuda do Espírito Santo; só ele pode suscitar a diversidade, a pluralidade, a multiplicidade e, ao mesmo tempo, realizar a unidade. (EG 131).

Se, por um lado, o Espírito Santo promove a unidade suscitando os diversos dons, carismas e ministérios, alcançando diversas culturas e manifestações de fé, por outro, os seres humanos geram a divisão quando pretendem fechar-se nos seus particularismos ou impor a uniformidade, buscando mais os seus ideais que a vontade divina. É o que corrobora a continuação do número 131 da exortação:

Pelo contrário, quando somos nós que pretendemos a diversidade e nos fechamos em nossos particularismos, em nossos exclusivismos, provocamos a divisão; e, por outro lado, quando somos nós que queremos construir a unidade com os nossos planos humanos, acabamos por impor a uniformidade, a homologação. Isso não ajuda a missão da Igreja. (EG 131).

Em suma, Francisco mostra que a unidade visível da Igreja é possível, desde que os cristãos estejam abertos à ação divina e prescindam de suas próprias vontades e ideologias: “... o inimigo quer que a diversidade se transforme em oposição e por isso faz com que se tornem ideologias. Dizer ‘não’ às ideologias, ‘sim’ ao conjunto” (FRANCISCO, 2021), esse é o chamado e o

imperativo à Igreja hoje, a fim de que supere os extremos, antagonismos, partidarismos e dissensões de toda espécie.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem sombra de dúvidas, a polarização constitui um desafio candente e afeta a vida de fé nos dias atuais de um modo preocupante, sobretudo devido a alguns discursos e narrativas veiculados nas mídias digitais. É necessário cuidar para que os grupos “polarizadores” existentes no seio eclesial não firam ainda mais a unidade visível da Igreja de Cristo que, em si, é una. Conforme foi demonstrado, essas polarizações, embora de origens diversas, são o reflexo de desencontros de ordem política e ideológica que acabam confluindo também na experiência comunitária da fé, uma vez que é um fenômeno presente em quase todos os âmbitos da sociedade. Embora nem sempre envolva questões teológicas, dogmáticas ou pastorais, a polarização pode se utilizar do debate teológico para alimentar extremismos de todas as formas.

O problema se torna ainda mais grave quando se constata que existem pessoas em conflito dentro de inúmeras comunidades católicas, desde as menores e mais interioranas até as mais populosas e urbanizadas. Não são escassos, sobretudo na internet, canais, sites, *blogs* e páginas de redes sociais que fomentam a divisão, colocando os fiéis contra o papa, alguns bispos, sacerdotes, religiosos e lideranças leigas. Diante disso, surgem posturas muito diversas e controversas que, apelando para os extremos e as respostas simplificadoras, promovem práticas que implicitamente denotam a incompreensão, a divisão, a ruptura, a negação do diferente e a tendência ideológica. Sobram grupos que se opõem e falta abertura para o colóquio sadio, a oração e a colaboração recíproca.

Como o próprio Papa Francisco sinalizou na encíclica *Fratelli Tutti*, na era do excesso de informações, para superar as polarizações de toda espécie, a verdade terá de ser buscada nas sendas da transparência, do diálogo entre as gerações e do esforço conjunto em reconhecer e respeitar o que todos têm a oferecer, não apenas dentro da Igreja, mas também na sociedade. Pelas suas exigências intrínsecas, infelizmente este caminho é rejeitado pela maioria das pessoas, que se apega à facilidade de algumas “certezas”. Nesse âmbito, o extremismo torna-se uma ilusão provisoriamente consoladora, mas com consequências desastrosas para a unidade eclesial e o bem comum:

Podemos buscar juntos a verdade no diálogo, na conversa tranquila ou na discussão apaixonada. É um caminho perseverante, feito também de silêncios e sofrimentos, capaz de recolher pacientemente a vasta experiência das pessoas e dos povos. A acumulação esmagadora de informações que nos inundam, [sic] não significa maior sabedoria. (FT 50).

Isto posto, é evidente a necessidade de uma postura de equilíbrio e moderação, tentando encontrar caminhos de rompimento com tudo aquilo que contraria a verdade do Reino de Deus. Para tanto, não existem receitas prontas, programas fechados ou caminhos unívocos. Conforme o artigo quis apresentar, é mister, na realidade, abrir-se à graça divina, permitir que o próprio Deus atue na sua Igreja e que a sua vontade prevaleça. Por isso, urge dar atenção ao que diz a Escritura, a Tradição e o Magistério eclesial, entendendo o que de fato a Igreja é, como realidade divina, e qual é a sua missão. Ademais, é imperativo abrir espaços para que o próprio Espírito Santo conduza os caminhos do povo reunido por Jesus Cristo.

Procurando interpretar aquilo que o Concílio Vaticano II disse sobre a Igreja, o sínodo dos bispos de 1985 afirmou que ela, enquanto sacramento universal de salvação, é “mistério de comunhão”<sup>14</sup>. Portanto, as polarizações ferem diretamente a comunhão da Igreja que, com isso, se distancia do desígnio de Deus. A comunhão não é sinônimo de univocidade, mas sinal de uma pluralidade harmoniosa que, não obstante as diferenças culturais, teológicas e espirituais existentes, consegue manter a unidade porque está centrada naquele núcleo original que serve de critério para tudo o que diz respeito à Igreja e à vida de fé: o próprio Deus Trindade, comunhão inesgotável de amor.

## REFERÊNCIAS

BENTO XVI, Papa. **Homilia na Missa de Quarta-feira de Cinzas**. A Santa Sé, 2013. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/homilies/2013/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20130213\\_ceneri.html](https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/homilies/2013/documents/hf_ben-xvi_hom_20130213_ceneri.html). Acesso em: 15 set. 2021.

**Bíblia Sagrada Tradução Oficial da CNBB**. Tradução Luís Henrique Eloy e Silva (Coord.). Brasília: CNBB, 2018.

---

<sup>14</sup> “A eclesiologia da comunhão é idéia central e fundamental nos documentos do Concílio. Koinonia-comunhão, fundada na Sagrada Escritura, é tida em grande honra da Igreja antiga e nas Igrejas orientais até os nossos dias [...] [Mas] a eclesiologia de comunhão não se pode reduzir a meras questões de organização ou a questões que se referem a meros poderes [...] é o fundamento da ordem na Igreja e, em primeiro lugar, da reta relação entre unidade e pluriformidade na Igreja” (SÍNODO EXTRAORDINÁRIO DOS BISPOS, 1986, p. 43-44).

BROWN, Raymond E. **Introducción al Nuevo Testamento I: Cuestiones preliminares, evangelios y obras conexas.** Madrid: Trotta, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Introducción al Nuevo Testamento II: Cartas y otros escritos.** Madrid: Trotta, 2002b.

CANTALAMESSA, Raniero. **Primogênito entre muitos irmãos:** pregação de sexta-feira santa. Vatican News, 2021. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-04/ranierocantalamezza-sexta-feira-santa-pregacao-texto-integral.html>. Acesso em: 23 jul. 2021.

CIPRIANO DE CARTAGO. A Unidade da Igreja Católica. In: \_\_\_\_\_. **Obras Completas 1.** São Paulo: Paulus, 2016. (Coleção Patrística Vol. 35/1).

CONCÍLIO VATICANO II. **Lumen Gentium:** constituição dogmática sobre a Igreja. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.** São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-197.

\_\_\_\_\_. **Unitatis Redintegratio:** decreto sobre o ecumenismo. In: COSTA, Lourenço (Org.). **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II.** São Paulo: Paulus, 1997. p. 215-240.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta aos bispos da Igreja Católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão.** A Santa Sé, 1992. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/documents/rc\\_con\\_cfaith\\_doc\\_28051992\\_communionis-notio\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communionis-notio_po.html). Acesso em: 28 set. 2021.

FAGGIOLI, Massimo. **Como acabar com as hostilidades entre católicos polarizados.** IHU Unisinos, 2018. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/578020-como-acabar-com-as-hostilidades-entre-catolicos-polarizados-artigo-de-massimo-faggioli>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti:** carta encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

\_\_\_\_\_. **Evangelii Gaudium:** exortação apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. Brasília: CNBB, 2013.

\_\_\_\_\_. **Homilia na Missa da Solenidade de Pentecostes.** A Santa Sé, 2021. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papafrancesco20210523\\_omelia-pentecoste.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/papafrancesco20210523_omelia-pentecoste.html). Acesso em: 15 set. 2021.

ORTELLADO, Pablo. **A polarização não está nos deixando pensar.** IHU Unisinos, 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/573859-a-polarizacao-nao-esta-nos-deixando-pensar>. Acesso em: 23 jul. 2021.

RATZINGER, Joseph. Partido de Cristo ou Igreja de Jesus Cristo? In: \_\_\_\_\_. **Compreender a Igreja hoje:** vocação para a comunhão. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 99-103.

SÍNODO EXTRAORDINÁRIO DOS BISPOS. **Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos 1985.** São Paulo: Paulinas, 1986.

SHÖKEL, Luís Alonso. Notas. In: **Bíblia do Peregrino.** São Paulo: Paulus, 2017.

SILVA, Gabriel Henrique da. REZENDE, Wendel de Oliveira. Uma leitura teológica do fenômeno da polarização no catolicismo atual.

*Recebido em:* 30 set. 2021  
*Aprovado em:* 30 out. 2021

